DEZEMBRO 77

PLANETA

Capa: *Jesus Cristo morreu velho na Cachemira? Ilustração de José Rubens Siqueira.*

Cada vez mais os cientistas se aproximam das antigas verdades espiritualistas. Neste número, os depoimentos de dois psiquiatras americanos constituem prova disso.
Wilson Van Dusen (página 24), após muitos anos de observação das alucinações dos doentes mentais, afirma que as formas e visões que vêem não são imaginárias, mas, sim, reais.
Boa parte das pessoas chamadas loucas seriam apenas médiuns ou sensitivos, inconscientes da própria faculdade de enxergar no mundo astral.
Não esclarecidos a respeito, e submetidos a um tratamento médico convencional, perderiam toda a chance de recuperar-se.
Por seu lado, o médico Irving Oyle (página 29) não hesita em afirmar que a medicina tradicional não devolve a saúde aos doentes, já que "ela trata apenas dos sintomas, e não das verdadeiras causas". Embora afirme que essas causas sejam quase sempre psíquicas, Oyle não desdenha a hipótese de que muitas doenças tenham origem em distúrbios no chamado "corpo energético".
Ao pesquisar na área, descobriu que a aplicação de sons nos pontos de acupuntura produz os mesmos efeitos curadores do método tradicional, que usa apenas agulhas.

Luis Pellegrini

11
Depoimento
José Lutzemberger — Ecologia, o elo perdido entre o Homem e Deus
Por Marcos Faerman

15
Oriente no Ocidente
Princípio Único — Uma solução para todos os males
Por Raquel Salgado

20
Grandes enigmas
Jesus não morreu na cruz
Por Vani Rezende

24
Fatos desconhecidos

Os loucos não são loucos. Eles vêem o mundo dos espíritos.
Por Olavo de Carvalho

29
Medicina diferente
Irving Oyle — Corpo são? Só com saúde mental.
Por Alan Vaughan

32
Ciência antiga
Há dois mil anos, persas já fabricavam pilhas elétricas
Equipe *Planeta*

34
História secreta

Hitler, médium das forças do mal
Por J. P. Klautz

40
Arqueologia misteriosa
Chineses na América (22 séculos antes de Cristo)
Equipe *Planeta*

44
Reportagem
Um ritual de purificação pelo fogo
Por Luiz Duboc

50
Ufologia
Discos voadores — Veículos de uma civilização do futuro?
Por Oscar Nelson Kuntz e Maria Luiza P. Abbud

54
Mitos e lendas
O monstro do lago
Por Angela Melim e Eduardo B. Costa

SEÇÕES:

3 Sumário
4 Agenda
5 Jornal de Planeta
59 Planeta Leu para Você Livros
60 Fronteiras do Desconhecido
A estatueta de Iemanjá quase leva jovem ao suicídio
63 Clube da Comunicação
O Leitor Debate
O Leitor Pergunta

PLANETA é uma edição mensal da Editora Três Ltda. — Redação, Administração e Publicidade, av. Paulista, 2006, 15º andar, fone: 285-3311. Caixa Postal 1481. Endereço Telegráfico EDITRES. Código Postal 01310, São Paulo, SP. Escritório no Rio: av. Almirante Barroso, 63, grupo 517, fone: 232-7352. Escritório em Porto Alegre: av. Salgado Filho, 360, s/114, fone: 21-7369. Preço do exemplar avulso: Cr$ 20,00 (vinte cruzeiros). Preço da assinatura semestral: Cr$ 120,00 (cento e vinte cruzeiros), mais o porte registrado de superfície ou aéreo. Preço da assinatura anual: Cr$ 240,00 (duzentos e quarenta cruzeiros), mais o porte registrado de superfície ou aéreo. Esta Editora não autoriza ninguém a angariar assinaturas de suas publicações. Os números atrasados devem ser pedidos diretamente à D.D.P. - Distribuidora de Publicações Ltda., rua Wanderley, 1512, conj. 2, CEP 05011 São Paulo, SP. Não publicamos matérias redacionais pagas. PLANETA não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. Distribuição exclusiva para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A., rua Teodoro da Silva, 907, fone: 268-9112, Rio de Janeiro, RJ. A composição desta obra foi feita pela Linoart, SP, as fotoletras pela Câmera Press Lettera Ltda., os fotolitos pela Gama, SP, e a impressão pela CLY, São Paulo, SP. PLANETA foi fundada por Louis Pauwels e Jacques Bergier. Em correspondência com *Question De*, Paris - *Bres Magazine*, Holanda - *New Realities Magazine*, San Francisco - *Mundo Desconhecido*, Barcelona.

Registrada no Serviço de Censura Federal sob nº 404. P. 209/73.

DIRETORES: Domingos Alzugaray e Cátia Alzugaray
EDITOR EXECUTIVO: Luis Pellegrini o **ARTE:** Alexandre Toríbio o **COLABORADORES:** Elsie Dubugras, Olavo de Carvalho, Vani Rezende, José Hermógenes de Andrade, Madalena Schwartz, Neli Dutra, Antonio Zago, Oscar Nelson Kuntz, Marcelo Corção, Regina Vater, Roberto Pereira, Irene Granchi, Adriano Colangelo, Lamberto Scipioni, Wilson Teixeira Soares, José Rubens Siqueira, Maria Inês Castilho, Rogério Borges o **SERVIÇOS EDITORIAIS** o **Coordenadora Gráfica:** Wildi Célia Melhem o **Redação:** Antonio Alves de Sousa, Alencar Gentil de Castro, Ademar Jackel, Elci Delan da Silva o **Arte:** Marcos Antonio Galante, Paulo Roberto Aloe, Rui Douglas Cattai o **PUBLICIDADE** o **São Paulo** o **Diretor:** Darcy Reis o **Representantes:** Armando Augusto do Carmo Filho, Maria Leda Maia o **Rio de Janeiro** o **Diretor:** Francisco de Paula Freitas o **Gerente:** Celso Murce Mendes da Silva o **Representante:** Susana Zart o **Rio Grande do Sul** o **Representante:** Leoni Zaveruska o **Paraná** o **Representante:** Margarita Sansone o **Coordenadora de Publicidade:** Maria de Fátima da Silva Barros o **PROMOÇÃO** o **Supervisor:** Alexandre Toríbio o **Redator:** Osmar Mendes Júnior o **Mídia:** Ricardo Toríbio o **CIRCULAÇÃO** o **Gerente:** Antonio Alvaro Lara Campos o **RESPONSÁVEL:** Armando Gonçalves.

EDITORA TRÊS

Este detalhe de "A Queda do Mágico", de Bruegel, mostra uma interpretação das imagens que os loucos vêem.

Durante 16 anos, um psiquiatra americano observou as alucinações dos doentes mentais, para concluir que

OS LOUCOS NÃO SÃO LOUCOS. ELES VÊEM O MUNDO DOS ESPÍRITOS

PESQUISA E TEXTO DE OLAVO DE CARVALHO.

Existe uma crença geral de que o louco vive num mundo seu, particular e fechado, e vê coisas a que ninguém tem acesso. Mas o psiquiatra americano Wilson van Dusen anotou, durante 16 anos, as narrativas das alucinações de doentes mentais e demonstrou que todos eles vêem basicamente a mesma coisa: espíritos. "Todos os delírios", afirma Van Dusen, "são iguais e não são amontoados caóticos de visões e palavras, mas a descrição organizada de um mundo invisível, fantasticamente coerente."

Esse mundo invisível corresponde, ponto por ponto, ao "mundo dos espíritos" descrito pelo teólogo sueco Emmanuel Swedenborg, no século 18, e não é exclusivo dos doentes mentais. Existe potencialmente em cada um de nós e, para ficar louco, basta afrouxar o controle da vontade e permitir que os espíritos adquiram existência independente. Uma vez "despertos", eles anulam a vontade do doente e passam a persegui-lo, a atormentá-lo, e o obrigam a fazer todo tipo de coisas sem sentido aparente. Por isso, a maioria das pessoas jamais os vê. Só os médiuns e clarividentes notáveis, como o próprio Swedenborg, conseguem penetrar nesse "outro mundo" e depois voltar sadios e fortes para desempenhar suas tarefas na vida corrente. Para os outros, é quase sempre uma viagem sem retorno.

O dr. Wilson van Dusen trabalhou e fez experiências no Mendocino State Hospital, da Califórnia, considerado uma das melhores instituições psiquiátricas dos Estados Unidos. Ele já conhecia os escritos de Swedenborg e ficou chocado com a semelhança entre a descrição do mundo dos espíritos pelo teólogo sueco e as alucinações dos doentes.

A hipótese de que o próprio Swedenborg estivesse louco foi afastada logo de início, porque uma vida tão produtiva e equilibrada quanto a dele seria impossível sob a pressão de uma doença mental, e também porque os pacientes temem suas experiências interiores e fogem delas, enquanto Swedenborg se deixava deliberadamente "possuir" pelos espíritos, para poder descrevê-los, interrompendo as experiências quando queria. Além disso, o próprio Swedenborg deixara muito claro que ninguém deveria buscar um contato com o mundo dos espíritos se não estivesse preparado para sair dele e retomar suas atividades. Normalmente esse mundo permanecia fechado (as pessoas ignorando a existência dos espíritos e estes ignorando a existência das pessoas) e só se abria durante a loucura, quando a barreira da consciência era enfraquecida e quebrada.

Uma barreira que só se abre com a loucura

Na época de Swedenborg não havia nenhum conhecimento científico sobre a esquizofrenia, mas ele teve uma intuição maravilhosa sobre o processo dessa doença, ao declarar que a quebra da barreira consciente ocorria quando a pessoa começava a dar demasiada atenção às próprias fantasias, por ser demasiado orgulhosa para buscar as satisfações normais da vida ou por não desejar mais ser

útil socialmente. Hoje, a ciência reconhece que a fuga da responsabilidade social é um componente fundamental da esquizofrenia e que a aquisição de um papel útil na comunidade pode ser um caminho para a recuperação.

Assim, Van Dusen concluiu que valia a pena investigar mais a fundo as hipóteses de Swedenborg, e adotou, para isso, um método puramente descritivo, observando e descrevendo as alucinações sem julgá-las, aceitando a palavra dos doentes que viam nelas a pura verdade.

Dois tipos de vozes: de nível baixo e de nível alto

Após coletar um volume impressionante de depoimentos, o dr. Van Dusen notou que as diferenças entre as alucinações de alcoólatras, esquizofrênicos, epiléticos e drogados eram mínimas, se comparadas às semelhanças. Quase todos eles contam ter tido contatos com figuras ou personagens de "um outro mundo", que irrompem em suas vidas repentinamente, atormentando-os, falando o tempo todo, fazendo ameaças e promessas e alterando seu comportamento.

Embora ninguém mais os veja, esses personagens surgem para os doentes como dotados de existência real, independente da sua vontade. Referem-se a eles dizendo "eles", "os outros", "as vozes", "os espíritos". No entanto, nenhuma das figuras tem uma identidade precisa: adotam a forma de uma pessoa, logo em seguida de outra, desaparecem repentinamente ou então deixam de ter formas e passam a ter somente vozes, de modo que é impossível "pegá-las". Há momentos em que o paciente não distingue mais entre ele mesmo e os espíritos, tão enfraquecida está a sua vontade. E, em algumas dessas ocasiões, o espírito "conversou" diretamente com o dr. Van Dusen.

Algumas entidades aparecem luminosas, como estas desenhadas por James Tissot.

"Logo descobri", afirmou Van Dusen em depoimento prestado à revista holandesa *Bres*, "que existem dois tipos de experiências nesse sentido, e também dois tipos de vozes: vozes de nível baixo e de nível alto. As de nível baixo parecem vozes de bêbados que gostam de amolar os outros, num bar. Elas propõem ações degradantes e, quando o paciente obedece, elas o xingam. Procuram achar um ponto fraco na consciência do paciente e começam a atacar esse ponto sem parar. Às vezes 'roubam' recordações ou idéias da memória do doente, anunciam que ele vai morrer logo ou o induzem a fazer coisas idiotas, como ficar com o braço levantado, ameaçando-o de coisas terríveis se ele não o fizer, e rindo dele quando obedece. É uma coisa horrível, porque o paciente não tem alternativa."

"Às vezes", prossegue Van Dusen, "os espíritos tentam se apoderar de uma parte do corpo do paciente, um olho, uma orelha, e ele então perde o controle dessa parte ou jura que ela não lhe pertence. Caso contrário, eles o perseguem, anunciando sua morte ou ameaçando causar dores, que realmente ocorrem, só para mostrar sua força. Um paciente viu uma corda descendo do nada, enquanto ouvia vozes que discutiam a melhor maneira de enforcá-lo."

O vocabulário e as idéias desses espíritos são limitados, eles não têm raciocínio lógico, muitas vezes nem memória própria. Mas segundo os espíritos mais altos, afirma Van Dusen, a tarefa dos espíritos de baixo nível é precisamente revelar as fraquezas da pessoa, e isso eles fazem com uma paciência insuperável. Eles perseguem o paciente repetindo sempre as mesmas coisas (um deles repetiu durante meses somente a palavra "olá") e para isso não é preciso mesmo muita inteligência. Parecem estar presos às partes mais inferiores da mente do paciente, nunca mostrando um pensamento individual de nível mais elevado.

Outra característica permanente dos espíritos de nível baixo é sua ausência de religiosidade. Eles procuram atrapalhar de todas as maneiras as práticas religiosas do paciente e alguns até afirmam provir diretamente do inferno. Quando o dr. Van Dusen perguntou a um paciente totalmente possuído por uma dessas vozes se era um espírito que falava por ele, a voz respondeu: "O único espírito que conhecemos é o das garrafas".

Uns tagarelam sem parar, outros falam por símbolos

As alucinações com espíritos de ordem superior são mais raras. Um dos pacientes de Van Dusen tinha sido perturbado durante muito tempo por espíritos que discutiam o melhor modo de matá-lo. Um dia, ele viu uma luz, grande como o Sol, e soube imediatamente que essa luz era de ordem superior, porque ela o respeitava, se retirava sempre que ele sentia medo, ao contrário dos outros, que o atacavam com mais intensidade justamente quando ele ficava com medo.

Ao contrário dos de ordem inferior, que tagarelam sem parar, os espíritos superiores só se comunicam através de símbolos, que às vezes escapam à compreensão humana. Parecem, diz Van Dusen, residir na camada do inconsciente, estudada por Jung, enquanto os espíritos inferiores estariam na camada dos instintos, estudada por Freud.

"Aprendi", conta Van Dusen, "a ensinar os pacientes a se aproximarem da ordem superior, porque os espíritos desta camada procuram fortalecer os valores da individualidade. Aconselhei aquele paciente a aproximar-se do Sol que havia visto e ele foi penetrando num mundo de novas experiências luminosas, que de certo modo lhe davam mais medo que o tagarelar idiota das vozes assassinas. Numa alucinação, ele estava estendido no chão ao longo de um caminho que tinha uma porta no fim. Atrás dessa porta, ele sabia que estavam trancadas as forças do inferno. Ele estava a ponto de abri-la, quando apareceu uma figura imponente, que o aconselhou, através de telepatia, a deixá-la fechada e a acompanhá-lo a uma região onde ele teve outras experiências, que o ajudaram a sarar. Em outro paciente, as forças superiores se manifestaram através da figura de uma linda mulher. O paciente era um encanador

Certas fantasias sexuais dos loucos parecem-se com este quadro de Boleslas Biegas.

com curso secundário, e a visão mostrou possuir conhecimento de mitos e religiões num nível superior ao da capacidade de compreensão do paciente.

O que querem esses espíritos? "Sugar e dominar o mundo!"

"Alguns pacientes", continua ele, "têm durante certo tempo experiências inferiores e superiores e se sentem presos entre o céu e o inferno. Outros têm somente experiências de nível inferior. Os superiores declaram que podem dominar os inferiores e de vez em quando mostram que isso é verdade, mas nunca na intensidade que os pacientes desejam: só na medida em que o próprio paciente se identifica com a ordem superior, perdendo o medo, é que os inferiores são dominados e calam-se. Essas narrativas apresentavam uma notável semelhança com as raras passagens da Bíblia sobre a obsessão, de modo que meus pacientes tinham as mesmas experiências que outros haviam tido milênios atrás."

"A obsessão", continua Van Dusen, "ocorre quando os espíritos são libertados, deixam de ser inconscientes e adquirem uma percepção de si enquanto entes separados. Embora se revelem sempre não religiosos, estou convencido de que a prática religiosa, em si, não é suficiente para dominá-los. Uma atividade socialmente útil ou a caridade efetiva ajudam muito mais."

Os espíritos superiores tranqüilizam e esclarecem (ilustração: Gustave Doré).

Do mesmo modo, o mecanismo de obsessão observado por Van Dusen coincide plenamente com a descrição de Swedenborg, segundo o qual a obsessão estava instalada no momento em que os espíritos emergiam da sua prisão nas trevas e se tornavam conscientes enquanto seres separados. Nas observações de Van Dusen, há sempre um momento em que os espíritos começam a agir independentemente da vontade do paciente e, em seguida, o dominam mediante ameaças, chantagens, promessas e perseguições, até que o doente perde toda vontade própria. Certa vez, Van Dusen perguntou a um paciente, durante uma alucinação, o que queriam os espíritos. "Lutar, sugar, dominar o mundo", respondeu a voz, acrescentando que para isso recorrem a todo tipo de estratagema.

"O Homem", escreveu Swedenborg em seu livro *Arcanos Celestes,* "não faz coisas ruins e falsas por si mesmo: são os espíritos maus que cometem essas ações e o fazem acreditar que foi ele quem as fez. E, pior, quando o Homem realmente começa a acreditar na própria culpa, eles o acusam e condenam". Van Dusen notou ainda que os espíritos induzem a pessoa a cometer asneiras e em seguida a fazem acreditar na própria culpa e praticar absurdos rituais autopunitivos.

Do mesmo modo como uma diferença fundamental entre espíritos superiores e inferiores reside na infinita riqueza criativa dos símbolos criados pelos primeiros e na pobreza mecânica e repetitiva das falas dos segundos, Van Dusen observou também que os espíritos inferiores além de não ter nenhum respeito pela individualidade do doente, ainda o tratam como se fosse um autômato, uma máquina, e procuram convencê-lo de que não passa de um objeto mecânico movido de fora.

A influência silenciosa, que só reforça os homens

A observação coincide integralmente com a afirmação de Swedenborg em seu *Diário Espiritual:* "Por isso as pessoas andam por aí como máquinas. Aos olhos dos espíritos elas não são nada. Quando eles conhecem uma pessoa, que é um ser humano e também um espírito, acham que é uma máquina sem vida. Por seu lado, o Homem não esclarecido também vê o espírito como se fosse um nada".

Paralelamente, o conteúdo das falas dos espíritos inferiores parecia estar limitado à memória do paciente, enquanto os espíritos superiores demonstravam conhecimentos que ultrapassavam tudo o que o paciente sabia. Swedenborg afirmava que os espíritos inferiores tinham perdido a memória, ao morrer, e tinham que se apoderar da memória do paciente, enquanto os espíritos superiores, embora não sendo divinos em si mesmos, transmitiam um conhecimento de ordem divina.

Van Dusen também acha que os espíritos inferiores procuram inserir-se neste mundo apoderando-se de uma pessoa parecida com o que eles foram em vida, obedecendo, portanto, a uma lei de afinidade. Isso explica, segundo Swedenborg, por que o paciente acredita ter cometido atos que na realidade nunca praticou. Nesses casos, o espírito tem um domínio total sobre o paciente, que simbolicamente morre, para o outro passar a viver em seu corpo.

A necessidade do espírito inferior de apoderar-se do corpo explicaria também os casos de relações sexuais com espíritos, abundantes na literatura medieval e em alguns rituais primitivos, como o vodu haitiano.

Já os espíritos superiores não mexem com o físico do paciente, só se comunicam através de símbolos. Essa influência é silenciosa e seu aparecimento é muito mais raro, na proporção de um para cada seis alucinações, segundo Van Dusen.

Na conclusão de seu estudo, Van Dusen afirma: "Tive sempre a impressão de que os espíritos, bons e ruins, representam dentro do paciente certas forças inconscientes. A parte infernal mostra suas falhas pessoais, sua bitolação e sua estupidez. A parte celestial representa seus dons superiores — latentes e raramente usados. Alguns espíritos são muito mais inteligentes, outros muito mais estúpidos que os pacientes. Parecem ser forças não-realizadas, não-vividas, e que por isso causam confusão e mal. Uma paciente muito piedosa via cenas imorais; um ladrão e bêbado, negro, via uma história linda e comovente sobre o heroísmo dos grupos minoritários. O mundo dos espíritos se parece muito com as descrições de Swedenborg, ele é realmente o céu e o inferno no nosso inconsciente. São mundos que existem ao mesmo tempo fora de nós e dentro de nós".